

A black and white photograph of Britney Spears. She is shown from the waist up, turned away from the camera but looking back over her right shoulder. She has long, straight blonde hair with bangs. She is wearing a shiny, metallic-looking high-waisted skirt or shorts with a wide belt. Her right hand is resting on her left shoulder. The background is solid black.

BRITNEY
SPEARS

A MULHER
QUE HÁ
EM MIM

ARENA





*Para os meus rapazes,
que são os amores da minha vida.*

PRÓLOGO

Quando era pequena, caminhava durante horas, sozinha, na floresta silenciosa que havia atrás da minha casa no Luisiana, a entoar canções. O mundo exterior dava-me uma sensação de vivacidade e de perigo. Durante os meus anos de crescimento, a minha mãe e o meu pai discutiam constantemente. Ele era um alcoólico. Geralmente, em casa, vivia assustada. O exterior não era necessariamente o paraíso, mas era o meu mundo. Chamem-no de paraíso ou de inferno, era meu.

Antes de ir para casa, costumava seguir por um caminho até à casa do nosso vizinho, atravessando um jardim paisagístico com uma piscina. Eles tinham um jardim repleto de pequenos seixos macios que retinham o calor e se mantinham quentes de uma forma que sabia tão bem na minha pele. Eu deitava-me naquelas pedras a olhar para o céu, sentindo o calor a vir de baixo e de cima, e pensava: *Posso fazer o meu próprio caminho na vida. Posso realizar os meus sonhos.*

Deitada em silêncio naquelas pedras, conseguia sentir Deus.

Criar filhos no Sul dos Estados Unidos costumava ser mais sobre respeitar os pais e manter a boca fechada. (Hoje, as regras foram invertidas — trata-se mais de respeitar as crianças.) Nunca foi permitido discordar dos meus pais na minha casa. Não importa o quão má se tornasse a situação, percebia que era para ficar calada e, se não o fizesse, haveria consequências.

A Bíblia diz que a sua língua é a sua espada.

A minha língua e a minha espada eram eu quando cantava.

Levei toda a minha infância a cantar. Cantava sozinha a acompanhar o rádio do carro a caminho das aulas de dança. Cantava quando estava triste. Para mim, cantar era algo espiritual.

Eu nasci e frequentei a escola em McComb, no Mississípi, e vivia em Kentwood, no Luisiana, a 40 quilómetros de distância.

Toda a gente se conhecia em Kentwood. Ninguém trancava as portas de casa, a vida social girava à volta da igreja e das festas nos quintais, as crianças vestiam-se de igual e toda a gente sabia disparar uma arma. O principal local histórico da região era o Camp Moore, um campo de treino confederado construído por Jefferson Davies. Todos os anos se fazem reconstituições da Guerra Civil no fim de semana antes do Dia de Ação de Graças, e a visão das pessoas vestidas com os uniformes militares era

um lembrete de que o feriado estava a chegar. Eu adorava esta época do ano: o chocolate quente, o odor da lareira na nossa sala de estar, as cores das folhas do outono no chão.

Vivíamos numa pequena casa de tijolo, com papel de parede às riscas verdes e revestimento de madeira. Quando era pequena, ia ao Sonic, conduzia *karts*, jogava basquetebol e frequentava uma escola cristã chamada Parklane Academy.

A primeira vez em que verdadeiramente me emocionei e senti arrepios foi ao ouvir a nossa empregada a cantar na lavanderia de casa. Eu lavava e passava a ferro a roupa da família, mas quando as coisas estavam financeiramente melhores, a minha mãe contratava alguém para ajudar. Essa empregada entoou canções *gospel* e foi, literalmente, um despertar para um mundo totalmente novo. Nunca mais o esqueci.

Desde então, o meu desejo e a minha paixão por cantar cresceram. Cantar é mágico. Quando canto, sou a dona de mim mesma. Consigo comunicar da forma mais pura. Quando se canta, deixamos de usar a linguagem de «Olá, como estás...». Conseguimos dizer coisas que são muito mais profundas. Cantar transporta-me a um lugar místico onde o idioma já não importa, onde qualquer coisa é possível.

Tudo o que queria era ser transportada para longe do meu mundo do quotidiano e entrar naquele reino onde me podia expressar sem pensar. Quando estava sozinha com os meus pensamentos, a minha mente enchia-se de preocupações e medos. A música parava o ruído, dava-me confiança e transportava-me para um lugar puro onde me expressava exatamente como queria ser vista e ouvida. Cantar transportava-me para a presença do divino. Desde que estivesse a cantar, estava meio fora do mundo. Podia estar a brincar no quintal como qualquer criança, mas os meus pensamentos, sentimentos e esperanças estavam longe.

Esforçava-me muito para que as coisas tivessem o aspeto que eu queria que tivessem. Levava-me muito a sério quando gravava

vídeos tolos de músicas da Mariah Carey no quintal da minha amiga. Por volta dos meus 8 anos, pensava que era realizadora. Ninguém na minha cidade parecia estar a fazer algo do género. Mas eu sabia o que queria ver no mundo, e tentava reproduzi-lo eu mesma.

Os artistas fazem coisas e representam personagens porque querem escapar para mundos longínquos e escapar era exatamente do que eu precisava. Eu queria viver dentro dos meus sonhos, no meu maravilhoso mundo fictício, e nunca pensar na realidade, se pudesse evitá-lo. Cantar fazia a ponte entre a realidade e a fantasia, o mundo em que vivia e o mundo em que queria desesperadamente habitar.

A minha família sofreu muitas tragédias. O meu nome do meio vem da mãe do meu pai, Emma Jean Spears, a quem todos tratavam por Jean. Vi fotografias dela, e percebo porque é que todas as pessoas dizem que me pareço com ela. O mesmo cabelo loiro, o mesmo sorriso. Ela parecia mais nova do que era na realidade.

O marido dela, o meu avô June Spears Sr., era violento. A Jean sofreu a perda de um bebé com apenas três dias de vida. O June enviou-a para o Southeast Louisiana Hospital, um péssimo asilo em Mandeville, de acordo com todos os relatos que fazem dele, onde ela foi colocada sob tratamento com lítio. Em 1966, quando tinha 31 anos, a minha avó Jean matou-se com um tiro de caçadeira junto à campã do filho, oito anos depois de ele ter morrido. Nem consigo imaginar a dor que ela deve ter sentido.

A forma como as pessoas falavam de homens como o June no Sul era: «Nada era suficientemente bom para ele», era «um perfeccionista» e «um pai muito envolvido». Eu provavelmente defini-lo-ia de uma maneira mais dura.

Sendo um fanático pelo desporto, June obrigava o meu pai a exercitar-se até à exaustão. Todos os dias, quando terminava

o treino de basquetebol, por muito cansado e faminto que o meu pai estivesse, ainda tinha de fazer mais uma centena de lançamentos antes de poder entrar dentro de casa.

Ele era agente da Polícia de Baton Rouge e teve dez filhos de três mulheres. Tanto quanto sei, ninguém tem uma boa opinião sobre os primeiros cinquenta anos da sua vida. Mesmo na minha família, dizia-se que os homens Spears tendiam a ser mauzinhos, especialmente na forma como tratavam as mulheres.

A Jean não foi a única mulher que o June enviou para um hospício em Mandeville. Também enviou para lá a segunda mulher. Uma das meias-irmãs do meu pai disse que o June começou a abusar sexualmente dela quando ela tinha 11 anos de idade, até fugir de casa aos 16.

O meu pai tinha 13 anos quando a Jean morreu. Sei que este trauma é uma parte da razão pela qual o meu pai se comportava da maneira que se comportava comigo e com os meus irmãos; porque é que para ele nunca nada estava bem. Ele queria que o meu irmão fosse o melhor no desporto. Bebia até deixar de raciocinar. Desaparecia durante dias seguidos. Quando bebia, o meu pai era extremamente mau.

Mas o June foi ficando mais brando à medida que envelhecia. Eu não conheci o homem mau que tinha maltratado o meu pai e as suas irmãs, mas antes um avô que parecia ser paciente e afetuoso.

Os mundos do meu pai e da minha mãe eram completamente opostos.

De acordo com a minha mãe, a sua mãe — a minha avó Lilian Portell, ou Lily —, vinha de uma família elegante e sofisticada de Londres. Tinha um ar exótico e todas as pessoas o comentavam. A mãe era inglesa e o pai nascera na ilha mediterrânea de Malta. O tio dela era encadernador. Toda a família tocava instrumentos e adorava cantar.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Lily conheceu um soldado americano, o meu avô Barney Bridges, num baile para os militares. Ele era motorista dos generais e adorava guiar depressa.

Porém, ficou desapontada quando chegou com ele à América. Tinha imaginado uma vida semelhante à que tinha em Londres. Durante a viagem de Nova Orleães para a quinta do Barney, ela olhou pela janela do carro e ficou preocupada com o quanto o mundo dele parecia vazio. «Onde é que estão as luzes?», perguntava sem parar ao seu novo marido.

Por vezes penso na Lily a atravessar a zona rural do Luisiana, a olhar para a noite, a aperceber-se de que a sua vida em Londres, vibrante, repleta de música e com tardes passadas a tomar chá e a visitar museus, estava prestes a tornar-se pequena e dura. Em vez de ir ao teatro ou às compras, teria de passar a vida confinada numa zona rural, a cozinhar, a limpar e a ordenhar as vacas.

A minha avó guardou isso para si, leu uma tonelada de livros, tornou-se obcecada com a limpeza e sentiu a falta de Londres até ao dia da sua morte. A minha família disse-me que o Barney não queria que a minha avó voltasse a Londres porque temia que ela nunca mais regressasse a casa.

A minha mãe dizia que a Lily andava tão distraída com os seus pensamentos que tinha a tendência para começar a levantar a mesa antes de as pessoas terem acabado de comer.

Para mim, a minha avó era linda e eu adorava copiar o seu sotaque britânico. Falar dessa maneira deixa-me sempre feliz porque me faz lembrar dela, a minha elegante avó. Eu gostava de ter as suas maneiras e voz melodiosa.

Pelo facto de a Lily ser endinheirada, a minha mãe, Lynne; o irmão dela, Sonny; e a irmã, Sandra, cresceram com aquilo que pode ser considerado opulência, especialmente para o Luisiana rural. Apesar de serem protestantes, a minha mãe frequentava a escola católica. Era uma rapariga linda durante a adolescência, com o cabelo negro cortado curto. Ia sempre para a escola com

as suas botas de cano alto e uma saia curtíssima. Ela costumava andar com os rapazes gay da cidade, que a levavam a dar passeios de mota.

O meu pai começou a interessar-se por ela, como seria de esperar. E, provavelmente em parte porque o June o obrigava a treinar de forma tão ridiculamente intensa, o meu pai tinha um talento incrível para o desporto. As pessoas vinham de muito longe só para o ver jogar basquetebol.

A minha mãe viu-o e perguntou: «Quem é este?»

Consta que a relação deles nasceu da atração mútua e de um sentido de aventura. Mas a lua de mel terminou muito antes de eu aparecer.

Quando se casaram, os meus pais foram viver para uma pequena casa, em Kentwood. A minha mãe já não recebia apoio da sua família, por isso os meus pais eram muito pobres. Também eram muito jovens: a minha mãe tinha 21 anos e o meu pai 23. Em 1977, nasceu o meu irmão Bryan. Quando saíram daquela primeira casa, compraram uma, térrea, de três assoalhadas.

Depois do nascimento do Bryan a minha mãe voltou para a escola e formou-se como professora. O meu pai, que trabalhava como soldador em refinarias de petróleo — trabalhos duros que duravam um mês ou, por vezes, três — começou a beber bastante e, pouco tempo depois, isso teve repercussões graves na família. De acordo com o que a minha mãe me contou, pouco tempo depois do casamento, o meu avô Barney, o pai da minha mãe, faleceu num acidente de automóvel, e na sequência disso, o meu pai foi para a farra e faltou à festa de aniversário do primeiro ano do filho, Bryan. Uma vez, quando o Bryan ainda era pequeno, o meu pai embriagou-se na véspera de Natal e na manhã seguinte ninguém sabia dele. Por essa altura, a minha mãe estava farta e deixou-o para ir viver com a Lily. Meteu os papéis para o divórcio em março de 1980. Mas o June e a sua nova mulher suplicaram que lhe perdoasse e o aceitasse de volta, e ela fê-lo.

Durante algum tempo, aparentemente, estava tudo mais calmo. O meu pai abandonou a profissão de soldador e abriu um negócio de construção. Depois de muitas dificuldades, também abriu um ginásio. Chamava-se Total Fitness e transformou alguns dos homens da cidade, incluindo os meus tios, em culturistas. O ginásio situava-se num anexo junto à nossa casa, na nossa propriedade. Um longo fluxo de homens musculados entrava e saía do ginásio, fletindo os músculos ao espelho sob as luzes fluorescentes.

O meu pai começou a ter muito sucesso, tornando-se mesmo num dos homens mais bem-sucedidos e abastados da nossa cidade. A minha família fazia grandes patuscadas de lagostins no quintal. Organizavam loucas festas, dançando durante toda a noite. (Sempre assumi que o ingrediente secreto para ficarem acordados a noite inteira fosse o *speed*, uma vez que era uma droga comum na altura.)

A minha mãe abriu um centro de dia com a irmã, a minha tia Sandra. Para cimentar o casamento deles, os meus pais tiveram um segundo bebé: eu. Nasci a 2 de dezembro de 1981. A minha mãe nunca perdeu uma oportunidade de recordar que teve um parto difícil durante 24 horas para me dar à luz.

Eu adorava as mulheres da minha família. A minha tia Sandra, que já tinha dois filhos, teve um bebé inesperado aos 35 anos: a minha prima Laura Lynne. Com alguns meses de diferença, eu e a Laura éramos como irmãs gémeas e melhores amigas. A Laura Lynne foi sempre como uma irmã para mim, e a Sandra uma segunda mãe. Ela sempre teve muito orgulho em mim e incentivava-me bastante.

E embora a minha avó Jean tivesse morrido muito antes de eu nascer, tive a sorte de conhecer a mãe dela, a minha bisavó Lexie Pierce. A Lexie era *terrivelmente* bonita e aparecia sempre com um rosto muito branco e os lábios vermelhos. Era uma

durona, cujo mau feitio piorou com a idade. Foi-me dito, e não tive dificuldade em acreditar, que se casou sete vezes. Sete! Obviamente, ela detestava o genro, June, mas depois do falecimento da filha Jean, ela ficou a morar perto de nós para tomar conta do meu pai e dos irmãos, e depois também dos bisnetos.

Eu e a Lexie éramos muito chegadas. As memórias mais vívidas e felizes da minha infância são dos tempos que passei com ela. Fazíamos festas de pijama, só nós as duas. À noite, vasculhávamos o armário da maquilhagem dela. De manhã, ela preparava-me um grande pequeno-almoço. A melhor amiga dela, que vivia na casa ao lado, vinha lá a casa e ouvíamos baladas dos anos 1950 da coleção de discos da Lexie. Durante o dia, eu e a Lexie dormíamos a sesta juntas. Adorava adormecer ao lado dela, a sentir o cheiro do pó de arroz e do perfume, a escutar a sua respiração a tornar-se mais profunda e regular.

Um dia, eu e a Lexie fomos alugar um filme. Quando íamos a sair do clube de vídeo, ela bateu noutra carro e caímos num buraco. Não conseguíamos sair de lá. Teve de vir o reboque buscar-nos. Esse acidente assustou a minha mãe. A partir desse dia deixei de ter autorização para sair com a minha bisavó.

«Nem sequer foi um acidente grave!», disse à minha mãe. Implorei que me deixasse ver a Lexie. Ela era a pessoa que eu mais adorava.

«Não, lamento, mas acho que ela está a ficar senil», respondeu a minha mãe. «Já não é seguro estares sozinha com ela.»

Depois disso, via-a na minha casa, mas já não podia entrar no carro com ela nem voltar a dormir em sua casa. Foi uma grande perda para mim. Eu não percebia porque é que estar com uma pessoa que adorava podia ser perigoso.

Nessa idade, o que mais gostava de fazer, para além de passar tempo com a Lexie, era esconder-me nos armários. Tornou-se uma piada de família. «Onde está a Britney?» Na casa da minha tia,

eu desaparecia sempre. Organizavam uma busca para me encontrar. Quando estavam prestes a entrar em pânico por não saberem de mim, eu abria a porta de um armário e ali estava.

Eu devia querer que me procurassem. Durante anos, essa era a minha cena: esconder-me.

Esconder-me era uma forma de receber atenção. Também adorava cantar e dançar. Cantava no coro da nossa igreja e tinha aulas de dança três noites por semana e aos sábados. Depois comecei também a frequentar aulas de ginástica, em Covington, Luisiana, que ficava a uma hora de distância. No que tocava a cantar, dançar e fazer ginástica acrobática, nada era suficiente.

No dia das profissões, na escola primária, afirmei que ia ser advogada, mas os vizinhos e os professores começaram a dizer que eu «estava fadada para a Broadway» e eventualmente aceitei a minha identidade de «pequena *entertainer*».

Tive o meu primeiro recital de dança aos 3 anos e aos 4 can-tei sozinha pela primeira vez «What Child Is This?», na festa de Natal do centro de dia da minha mãe.

Eu queria esconder-me, mas também queria ser vista. Ambas as coisas podiam ser verdade. Acorada na obscuridade fria de um armário, sentia-me tão pequena que podia desaparecer. Mas com os olhares das pessoas sobre mim, eu tornava-me outra pessoa, alguém que podia controlar uma sala inteira. Vestida com umas meias-calças brancas, a cantar uma canção, sentia que tudo era possível.

«Sra. Lynne! Sra. Lynne!», gritou o rapaz. Ele estava ofegante, a respirar com dificuldade à porta da nossa casa. «Tem de vir! Já!»

Eu tinha 4 anos e estava sentada no sofá da nossa sala de estar, com a minha mãe de um lado e a minha amiga Cindy do outro. Kentwood era como uma cidade de uma telenovela, havia *sempre* um drama a acontecer. A Cindy estava a conversar com a minha mãe sobre o mais recente escândalo, enquanto eu ouvia, tentando acompanhar o que era dito, quando a porta se abriu de repente. A expressão facial do rapaz era suficiente para perceber que algo de horrível tinha acontecido. O meu coração quase parou.

A minha mãe e eu começámos a correr. A estrada tinha acabado de ser repavimentada e eu estava descalça, a correr sobre alcatrão quente.

«Au! Au! Au!», gritava a cada passo que dava. Olhei para baixo e vi o alcatrão colar-se à sola dos meus pés.

Finalmente, chegámos ao campo onde o meu irmão Bryan tinha estado a brincar com os amigos da vizinhança. Tinham estado a tentar cortar a relva alta com as moto-quatro. Isto parecia ser uma ideia fantástica porque eles eram idiotas. Como não se conseguiam ver uns aos outros, era inevitável que acontecesse uma colisão de frente.

Eu devo ter assistido a tudo, devo ter ouvido o Bryan a gritar com dores, a minha mãe a gritar de horror, mas não me recordo de nada disso. Penso que Deus me fez desmaiar para não me recordar da dor e do pânico, ou da visão do corpo esmagado do meu irmão.

Um helicóptero transportou-o rapidamente para o hospital.

Quando visitei o Bryan dias mais tarde, todo o corpo dele estava engessado. Pelo que me era possível ver, ele tinha partido quase todos os ossos do corpo. E o pormenor que me fez entender tudo, enquanto criança, foi que ele tinha de fazer chichi por um orifício no gesso.

O outro pormenor em que não pude deixar de reparar foi que o quarto estava repleto de brinquedos. Os meus pais estavam tão gratos por ele ter sobrevivido, e sentiam-se tão mal por ele durante a recuperação, que todos os dias era Natal. A minha mãe mimava o meu irmão porque se sentia culpada. Ela ainda o trata com deferência até hoje. É engraçado como um segundo pode mudar a dinâmica familiar para sempre.

O acidente aproximou-me muito do meu irmão. O nosso laço formou-se a partir do meu reconhecimento sincero e genuíno da sua dor. Quando voltou a casa vindo do hospital, eu não saía do seu lado. Dormia junto dele todas as noites. Ele não podia dormir na sua cama porque ainda tinha o corpo todo engessado. Por isso, tinha uma cama especial e tiveram de colocar um pequeno colchão para mim aos pés da sua cama. Às vezes, subia para a cama e ficava abraçada a ele.

Mesmo depois de lhe tirarem o gesso, continuei a partilhar a cama com ele, durante anos. Mesmo em pequena eu sabia que, entre o momento do acidente e a forma como o nosso pai era severo com ele, o meu irmão tinha uma vida difícil. Eu queria proporcionar-lhe conforto.

Finalmente, alguns anos depois, a minha mãe disse-me: «Britney, já estás quase no sexto ano, tens de começar a dormir sozinha.»

Eu recusei.

Eu era mesmo um bebê — não queria dormir sozinha. Mas ela insistiu e finalmente tive de concordar.

Assim que comecei a dormir no meu quarto, comecei a apreciar ter o meu próprio espaço, mas continuei muito chegada ao meu irmão. Ele adorava-me. E eu amo-o tanto — por ele eu sentia um amor enternecedor e protetor. Não queria que sofresse nunca mais. Já o tinha visto sofrer demasiado.

À medida que meu irmão melhorou, nós envolvemo-nos bastante na nossa comunidade. Como era uma cidade pequena, com apenas alguns milhares de habitantes, todos apareciam para apoiar os três desfiles principais do ano: Mardi Gras, 4 de Julho e Natal. A cidade inteira ansiava por eles. As ruas, nessas ocasiões, estavam repletas de pessoas sorrindo, acenando, deixando para trás o drama das suas vidas por um dia para se divertirem vendo os seus vizinhos lentamente vageando pela Highway 38.

Um ano, alguns de nós, crianças, decidimos decorar um carrinho de golfe e ir ao desfile do Mardi Gras. Provavelmente havia oito crianças naquele carrinho de golfe — demasiadas, obviamente. Três estavam sentadas no banco, dois de pé nas laterais segurando o pequeno teto, e um ou dois balançando na parte de trás. Era tão pesado que os pneus do carrinho quase pareciam furados. Todos usávamos trajes do século XIX; nem consigo lembrar-me por que razão. Eu estava sentada no colo dos miúdos maiores, na frente, acenando a todos. O problema era que, com tantas crianças num carrinho de golfe, e os seus pneus em baixo, a coisa ficou difícil de controlar, e com os risos e os acenos e a excitação... Bem, nós só batemos no carro à nossa frente *algumas* vezes, mas foi o suficiente para sermos expulsos do desfile.

Quando o meu pai recomeçou a beber — muito —, os seus negócios começaram a correr mal.

A angústia de não termos dinheiro era agravada pelo caos das bruscas mudanças de humor do meu pai. Em particular, eu tinha pavor de andar de carro com ele porque falava sozinho enquanto conduzia, e eu não conseguia perceber nada do que estava a dizer. Parecia estar num mundo só seu.

Já nessa época eu sabia que o meu pai tinha motivos para se querer afundar na bebida. Ele estava assoberbado pelo trabalho. Agora percebo mais claramente que ele estava a automedicar-se depois de anos a suportar os maus-tratos às mãos do pai dele, June. Porém, na altura, não sabia porque é que ele era tão duro conosco, porque é que nada do que fizéssemos era suficiente para ele.

Para mim, a parte mais triste era que tudo o que sempre quis foi um pai que me amasse como eu era, alguém que me dissesse «Amo-te e pronto. Podias fazer fosse o que fosse agora, que eu continuaria a amar-te com um amor incondicional.»

O meu pai era imprudente, frio e mau comigo, mas era claramente pior para o Bryan. Era tão exigente com ele no desporto que chegava a ser cruel. A vida do Bryan naquela época era muito mais dura do que a minha porque o meu pai o obrigava a suportar o mesmo regime que o June lhe tinha imposto a ele. O Bryan era

obrigado a jogar futebol americano e basquetebol, apesar de não ter apetência para nenhum dos desportos.

O meu pai também era violento para com a minha mãe, mas era mais do tipo de se embriagar e desaparecer dias a fio. Para ser honesta, era uma bênção para nós quando ele desaparecia. Eu preferia quando ele estava ausente.

O que tornava o tempo que ele estava em casa especialmente mau era o facto de que a minha mãe discutia com ele durante toda a noite. Ele estava tão embriagado que não conseguia falar. Nem sei se conseguia sequer ouvi-la. Mas nós conseguíamos. O Bryan e eu sofriamos as consequências da fúria dela, o que significava não conseguir dormir durante toda a noite. Os gritos dela ecoavam pela casa.

Eu entrava de rompante na sala de estar em camisa de dormir e dizia-lhe: «Dá-lhe de comer e deixa-o ir dormir. Ele está doente!»

Ela estava a discutir com uma pessoa que nem sequer estava consciente. Mas não me dava ouvidos. Eu voltava para a cama, zangada, e ficava deitada a olhar furiosamente para o teto, a ouvi-la gritar, a amaldiçoá-la no meu coração.

Não é horrível? Ele era o bêbedo. Era por causa do alcoolismo dele que nós agora éramos tão pobres. Era ele que adormecia na cadeira. Mas era ela que acabava por me irritar mais, porque, pelo menos naqueles momentos, ele estava calado e quieto. Eu queria desesperadamente dormir e ela não se calava.

Apesar de todo o drama noturno, de dia a minha mãe fazia da casa um lugar onde os meus amigos gostavam de ir, pelo menos quando o meu pai nos respeitava o suficiente para ir beber para outro lado. Todos os miúdos do bairro vinham a nossa casa. A nossa casa era, por falta de uma palavra melhor para a descrever, a casa fixe. Tínhamos um bar alto com 12 cadeiras à volta. A minha mãe era uma típica jovem mãe do Sul dos Estados Unidos, sempre na bisbilhotice, sempre a fumar com

as amigas no bar (ela fumava *Virginia Slims*, os mesmos cigarros que fumo agora) ou a falar com elas ao telefone. Era como se eu não existisse. Os miúdos mais velhos sentavam-se nas cadeiras do bar, em frente à televisão, e jogavam videojogos. Eu era a mais nova e, como não sabia jogar, tinha sempre de lutar para ter a atenção deles.

A nossa casa era uma confusão. Eu estava sempre a dançar na mesa de centro para chamar a atenção, e a minha mãe, quando o Bryan era pequeno, estava sempre a persegui-lo, saltando por cima de sofás para o tentar apanhar e dar-lhe umas palmadas, depois dele a ter confrontado e lhe ter desobedecido.

Eu estava sempre muito entusiasmada, a tentar que os miúdos mais velhos desviassem os olhos do ecrã na sala de estar, ou a fazer com que os adultos parassem de falar na cozinha.

«Britney, para!», gritava a minha mãe. «Temos visitas! Sê simpática. Porta-te bem.»

Eu ignorava-a. E encontrava sempre uma forma de ter a atenção de todos.

«QUANDO EU ERA PEQUENA, CAMINHAVA DURANTE HORAS, SOZINHA, NA FLORESTA SILENCIOSA que havia atrás da minha casa no Luisiana, a entoar canções. [...] Antes de ir para casa, costumava seguir por um caminho até à casa do nosso vizinho, atravessando um jardim paisagístico com uma piscina. Eles tinham um jardim repleto de pequenos seixos macios que retinham o calor e se mantinham quentes de uma forma que sabia tão bem na minha pele. Eu deitava-me naquelas pedras a olhar para o céu, sentindo o calor a vir de baixo e de cima, e pensava: *Posso fazer o meu próprio caminho na vida. Posso realizar os meus sonhos.*»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN 9789897849039



9 789897 849039 >